

Ano 20 • Número 48 • 03 de dezembro de 2018

---

**Brexit parece chegar ao fim e pode ter o pior desfecho**

---

**PIB do Brasil aponta crescimento no terceiro trimestre de 2018**

---

**Confiança da indústria gaúcha dispara e atinge o maior nível desde 2010**

---

**Indústria gaúcha acelerou o ritmo em outubro**

---

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731 Fax: (051) 3347.8795

UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS

[www.fiergs.org.br/economia](http://www.fiergs.org.br/economia)

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

## Brexit parece chegar ao fim e pode ter o pior desfecho

Após várias rodadas de negociações sobre os termos de separação entre o Reino Unido (RU) e a União Europeia (UE), o Brexit parece chegar ao seu último capítulo. Na semana passada, autoridades das duas partes assinaram um acordo que estabelece uma série de regulamentações que passam a vigorar a partir de março de 2019.

No entanto, o acordo ainda carece da aprovação do parlamento britânico, o que pode ser um entrave já que seus membros têm demonstrado uma insatisfação geral com os termos apresentados pela UE, gerando incerteza sobre a votação na próxima semana. O Banco da Inglaterra e as principais organizações internacionais advertem que um Brexit sem acordo resultaria em perturbações sobre a produção, assim como no setor externo, onde o comércio de bens e serviços passaria a ser regido pelas regras da OMC. Desta forma, barreiras seriam impostas sobre a mobilidade dos fatores, acarretando em custos para as sociedades de ambos os lados.

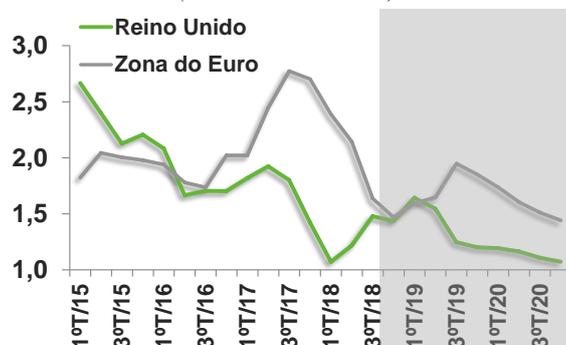
De acordo com a OCDE, desde o referendo sobre o Brexit, realizado em 2016, o RU tem mostrado uma desaceleração da atividade econômica. A incerteza sobre os termos do acordo e a expectativa de maiores custos associados à introdução de barreiras comerciais foram fatores limitantes para expansão do consumo e investimento privado nestes últimos anos. Sob a expectativa de um cenário benigno, na qual a saída do bloco seja feita de maneira ordenada, tanto o RU quanto a Zona do Euro apresentariam um ligeiro crescimento do PIB em 2019, mas uma desaceleração mais intensa seria observada em 2020 em função dos

impactos negativos do Brexit, como mostra o gráfico.

Com a materialização do Brexit sem acordo, este quadro pode se agravar ainda mais, levando a deterioração das expectativas dos agentes econômicos. Assim, a perspectiva seria de uma queda generalizada da bolsa de valores local, redução da confiança das famílias e empresas, além da desvalorização cambial mais acentuada da libra. As estimativas da OCDE sugerem que um cenário sem acordo poderia subtrair mais de 2 p.p do PIB real nos próximos dois anos.

Ao que tudo indica, a aprovação ou rejeição do acordo de saída da UE deve, impreterivelmente, reduzir o fluxo de comércio e a atividade econômica para os dois lados. No entanto, uma saída desordenada traria maiores riscos à Zona do Euro, o que causaria uma maior instabilidade no mercado europeu, resultando no pior desfecho possível.

**Evolução do crescimento do PIB durante o Brexit**  
(% - var. trimestral)



Fonte: OCDE. Elaboração FIERGS/UEE.

\*A área hachurada se refere as estimativas da OCDE para 2019 e 2020.

## PIB do Brasil aponta crescimento no terceiro trimestre de 2018

De acordo com o IBGE, o PIB do Brasil cresceu 0,8% no terceiro trimestre de 2018 em relação ao trimestre imediatamente anterior, na série com ajuste sazonal. Este foi o sétimo resultado positivo nessa base de comparação e o melhor desempenho desde o primeiro trimestre de 2017, quando teve alta de 1,1%.

O resultado foi influenciado pela base de comparação deprimida no segundo trimestre em função dos impactos da greve dos caminhoneiros sobre a atividade econômica. Na comparação com o terceiro trimestre do ano anterior, houve crescimento de 1,3%, uma aceleração frente ao observado no segundo trimestre de 2018 e também melhor do que o registrado no primeiro (+1,2%). Com o resultado, o crescimento acumulado no ano foi de 1,1%. Já no acumulado em quatro trimestres, a alta foi de 1,4%, mesma taxa apurada no trimestre anterior.

Sob a ótica da oferta, a maior alta foi observada na Agropecuária (+2,5%), com destaque para os ganhos de produtividade nas culturas de café (+26,6%) e algodão (+28,4%). Destaca-se também o avanço dos Serviços

(+1,2%), setor que exerceu a maior influência na taxa agregada, dado seu peso expressivo no PIB. Já o desempenho da Indústria (+0,8%) foi puxada pelo crescimento da Transformação (+1,6%), que teve as maiores contribuições vindas de Veículos, Derivados do petróleo, Celulose e papel, Máquinas e equipamentos, Farmacêuticos e Produtos de metal.

Já pela ótica da demanda, o setor externo contribuiu negativamente, com as importações crescendo 13,5% frente ao terceiro trimestre de 2017, enquanto as exportações aumentaram 2,6% na mesma base. Cabe destacar que a magnitude do avanço das importações é justificada pela contabilização das plataformas de petróleo e gás em decorrência das mudanças no regime Repetro-Sped.

Segundo as estimativas divulgadas pelo Boletim Focus, a expectativa do mercado para o PIB do quarto trimestre é um crescimento de 1,8% em comparação ao mesmo período do ano anterior. Nesse sentido, a perspectiva é de que a economia brasileira encerre o ano de 2018 com uma expansão de 1,3% do PIB total.

## Confiança da indústria gaúcha dispara e atinge o maior nível desde 2010

Em novembro, o Índice de Confiança do Empresário Industrial gaúcho (ICEI/RS) registrou o maior crescimento da série histórica iniciada em julho de 2005, 10,6 pontos sobre outubro, e o maior patamar desde abril de 2010, 65,5 pontos.

Os índices variam de zero a 100 pontos. A linha divisória de 50 pontos separa as avaliações positivas e negativas.

Com o aumento recorde de 8,8 pontos ante outubro, o Índice de Condições Atuais (ICA) deixou a faixa negativa (abaixo dos 50 pontos), que ocupava desde junho de 2018, e subiu para 56,0 pontos em novembro, que significam condições melhores. O crescimento foi puxado pelo também histórico desempenho do Índice de Condições da Economia Brasileira (ICA-EB): 11,9 a mais e 54,7 pontos no período. Aos 56,6 pontos, a expansão do índice que avalia as condições atuais das empresas (ICA-E) foi um pouco menor que a do componente anterior, 6,9 pontos em relação a outubro, mas foi a sua maior alta desde outubro de 2009.

Da mesma forma, o Índice de Expectativas para os próximos seis meses (IE) registrou a maior alta da série histórica (+11,5 pontos), atingindo 70,2 pontos em novembro e apenas 0,6 ponto abaixo do pico de janeiro de 2010. O Índice de Expectativas para a Economia Brasileira (IE-EB) em novembro apresentou recordes de alta mensal (+15,3 pontos) e de nível (69,8 pontos). Já o otimismo dos empresários gaúchos com o

desempenho futuro de suas empresas (IE-E) foi o maior desde abril de 2010: 70,4 pontos.

O desempenho histórico da confiança em novembro refletiu a eleição de um governo que se declara comprometido com a agenda de reformas e a responsabilidade fiscal, gerando grande otimismo sobre futuro da economia brasileira. Ainda que possa ser exagerado, diante do gigantesco desafio político de implementá-las, as eleições renovaram as perspectivas de que o País possa finalmente encaminhar as soluções para seu grave desequilíbrio fiscal e criar as condições estruturais mínimas para o crescimento econômico sustentado, com investimentos e emprego.

### Índice de Confiança do Empresário Industrial do RS (Em pontos)



Fonte: FIERGS.

## Indústria gaúcha acelerou o ritmo em outubro

A Sondagem Industrial do RS de outubro de 2018 trouxe boas notícias: ritmo intenso da atividade, menor ociosidade e estoques ajustados, além de otimismo com o futuro da demanda, do emprego e dos investimentos.

O indicador de produção no mês atingiu 59,0 pontos em outubro, o maior já registrado para o mês na série histórica iniciada em 2010. Ou seja, o crescimento da produção em outubro de 2018 foi o mais intenso para o mês em nove anos. Já o indicador de emprego foi de 50,9 pontos em outubro, também acima da média do mês (48,3). Os índices variam de zero a 100 pontos, sendo que acima dos 50, indicam alta e abaixo revelam queda ante o mês anterior.

Outro resultado positivo foi o menor nível de ociosidade desde o início do atual crise. Na passagem mensal, o grau de utilização da capacidade instalada (UCI) subiu 4,0 pontos, para 72,0% em outubro. Esse percentual foi o maior para o mês desde 2014 (73,0%), mas ainda distante dos 77,0% observados no mês entre 2011 e 2013. Portanto, ainda há capacidade ociosa. De fato, o índice de UCI usual, que leva em conta a percepção do empresário em relação à UCI habitual para o mês, atingiu 48,6 pontos, o maior valor desde outubro de 2013 (49,3 pontos). Portanto, o índice se aproximou da linha divisória de 50 pontos, que separa

UCI abaixo e acima do usual, sendo o mais próximo em cinco anos.

A quarta boa notícia foi o ajuste de estoques de produtos finais depois de dois meses de acúmulo. O indicador de estoques em relação aos planejados pelas empresas caiu para 49,5 pontos em outubro, praticamente sobre os 50 pontos e indicando estoques conforme o planejado.

Para os próximos seis meses, a Sondagem mostrou empresários mais otimistas. Três dos quatro indicadores de expectativas cresceram entre outubro e novembro: demanda (de 55,2 para 57,1 pontos), emprego (de 49,3 para 52,2 pontos) e compras de matérias-primas (de 53,2 para 54,6 pontos). Já para as exportações, as expectativas também ficaram positivas, mas praticamente estáveis no período (de 52,5 para 52,2 pontos). Valores acima e abaixo de 50 pontos indicam, respectivamente, perspectivas de expansão e de queda.

Além do otimismo dos empresários gaúchos em novembro cresceu também a disposição para investir nos próximos seis meses. O índice de intenção de investir cresceu de 47,4 para 53,8 pontos entre outubro e novembro. O indicador varia de zero a 100 pontos, acima (abaixo) de 50 pontos, revela que a parcela de empresas que pretendem investir é maior (menor).